ASSIM QUE CHEGUEI na frente da casa, trombei com Nagafuji saindo. Era a casa dela, e ainda assim, ela carregava um saco no ombro como se fosse uma espécie de ladrão.

“Ah, encontrei a Hino. E mais cedo do que o planejado. Yay.” Ela levantou as duas mãos em uma comemoração estoica. Foi então que percebi para que servia o saco.

“Argh! Você estava tentando passar a noite na minha casa de novo, não estava?!”

“Bingo.”

“Nem pensar! Agora volte para dentro!” Coloquei a mão na barriga dela e a empurrei de volta para dentro da loja comigo.

O pai dela estava no balcão; quando nossos olhares se encontraram, inclinei a cabeça educadamente. Desde pequena, eu sempre o chamava de Homem da Carne. Diziam que ele e a filha tinham o formato das orelhas exatamente igual — aquele pequeno entalhe vertical no lóbulo. Notei isso pela primeira vez quando ela me pediu ajuda para limpar as orelhas, e foi aí que me contou a história.

“Ah, relaxa. Mais uma noite do pijama não faz mal.” Ela empurrou meus ombros, e como ela tinha vantagem no tamanho, comecei a deslizar para trás.

“Faz sim!”

“Sinto falta do som do ar-condicionado.”

“Bom, hoje não. Tem visitantes demais lotando o lugar.” Foi por isso que vim me esconder na casa dela.

Desisti de vencer a competição de empurrões e, em vez disso, desviei dela para o espaço de convivência da família Nagafuji. Tirei o chapéu e me joguei no chão em protesto. Ainda assim, não tinha certeza se isso funcionaria. Era bem possível que ela dissesse: “Beleza, vou sozinha!” e me desmascarasse. Mesmo depois de todos esses anos, ela ainda era tão imprevisível às vezes... Por que, afinal, ela colocava todas as coisas em um *saco de estopa*? Será que estava tentando ser tão antiquada quanto nós?

Ela se mexia impacientemente perto da minha cabeça, como um gato de rua que se recusa a ir embora. Tentei espantá-la com a mão, e ela miou de volta para mim. A falta de semelhança era impressionante; para ser honesta, ela parecia mais um sapo-boi do que qualquer outra coisa. Depois de miar até se cansar, ela se sentou no mesmo lugar.

“Tá bom. Só por você, vou tentar desistir por hoje.”

“Por que você faz isso soar tão arrogante?”

Com os dedos dos pés, liguei o ventilador oscilante de três pás, como já tinha feito milhares de vezes antes. Quantos verões eu tinha passado sob o serviço desse borrão azul?

“Agora entendi,” Nagafuji assentiu para si mesma enquanto colocava o saco no chão.

“Entendeu o quê?” perguntei, rolando até o lugar bem na frente do ventilador.

“Isso explica por que você sempre tenta vir aqui durante as férias de verão.”

“Bom, é…”

Depois de todos esses anos, *só agora* ela percebeu? …Não, provavelmente ela chegava à mesma conclusão todo ano, só para esquecer no dia seguinte. Ela não era burra, só tinha a memória de um peixe dourado.

“Quanto mais perto chegamos do Festival Bon, mais as coisas começam a se acumular. Tipo, trabalho… ou questões de família, eu acho?”

Meus irmãos sempre voltavam para casa durante o feriado, e era *sufocante*. Se fossem só eles, eu conseguiria tolerar, mas não — eles tinham que trazer as esposas e os filhos, e eu odiava ter que entreter cada um deles. Talvez, se eu tivesse os poderes fraternais da Shimamura, pudesse lidar com isso. Mas, infelizmente, eu era a caçula da família.

Então, deixei tudo nas mãos competentes de Goushirou e dei no pé. Dos meus quatro irmãos mais velhos, ele era o único que ainda estava solteiro, mas minha família provavelmente arranjaria algo para ele em breve. Esse era o tipo de família em que eu nasci. Não que eu me importasse.

Olhei por cima do ombro e percebi que o cobertor do *kotatsu* já havia sido guardado. Nenhuma surpresa, é claro. *Você foi bem, amigo, aguentando até junho — nos vemos no próximo inverno.*

Passei a mão pelo cabelo e percebi como estava quente na caminhada até aqui. Como será que era o inverno, afinal? Eu sabia pela experiência que ele sempre acabava chegando, mas, de alguma forma, parecia que o calor nunca ia embora. Olhando para Nagafuji, me ocorreu que talvez a vida fosse apenas uma série de momentos “Ué, quando *isso* aconteceu?” até que, eventualmente, crescemos.

Enquanto isso, ela continuava andando de um lado para o outro perto de mim. Foi então que percebi que o peito dela era tão grande que tinha sua própria sombra. *Mas que diabos?*

“O que foi? Procurando alguma coisa e não consegue lembrar o que é?”

Se fosse isso, seria algo bem comum para ela. Mas—

“Saia, saia!”

“Gwaaagh!”

Ela veio deslizando como um aríete, de cara no chão, me empurrando para fora do caminho e roubando meu lugar na frente do ventilador. “Abram caminho para a Princesa Nagafuji!”

“Que tipo de princesa queima o rosto no tapete?”

Ela ficou ali, agitando os braços e pernas como um peixe se debatendo fora d’água. Não que peixes tenham braços e pernas, eu acho.

“Se apresse e vá logo para onde quer ir, Princesa!”

“Vamos brincar de alguma coisa! Tô entediada!”

“Sim, eu percebi.”

“E agora meus peitos estão doendo!”

“Ah, vai pro inferno.” *Juro que vou enfiar meus dedos no seu nariz.* “Tá calor demais pra fazer qualquer coisa.”

Essa definitivamente não era a estação que eu queria passar brincando de luta com Nagafuji. No entanto, no passado, passávamos todos os dias grudadas uma na outra, faça chuva ou faça sol… A lembrança fez a ponta do meu nariz arder. Sacudindo-a para longe, desviei o olhar — e foi aí que notei um panfleto sobre a mesa. Peguei-o.

“Ah, é, esse negócio.” Era um anúncio do próximo festival de fogos de artifício. Todos os restaurantes locais iam ter barracas por lá, então fazia sentido que quisessem convidar o pessoal do Açougue Nagafuji.

Pena que nunca enviavam panfletos para *minha* casa. Sempre tínhamos muitos eventos familiares, mas absolutamente nenhum evento de bairro; se eu pedisse para meus pais me levarem para ver os fogos de artifício, eles me levariam para o outro lado do país para algum festival famoso com multidões gigantescas.

Não, sério, isso realmente aconteceu uma vez. Os fogos eram incríveis e tudo mais, mas não era exatamente o que eu queria.

Bom, pelo menos conseguimos raspadinhas de feijão vermelho depois, então nem tudo foi ruim.

“É hoje à noite, né? Hmmm…”

No passado, íamos juntas aos festivais todo verão. Mas, depois de anos vendo a mesma coisa repetidamente, ficou chato. Além disso, podíamos ver os fogos de artifício perfeitamente da janela do quarto da Nagafuji.

“Quer ir ao festival?”

Pensei em perguntar, só por precaução. Nagafuji rolou de costas e ficou olhando para o teto. “Talvez se o clima lá fora esfriar.”

“Boa ideia.” Coloquei o panfleto de volta na mesa. No pior dos casos, poderíamos passar o tempo no quarto dela.

“Ah, isso me lembrou de uma coisa!” De repente, ela se levantou num salto. Tonta, cambaleou por um momento, então olhou de volta para mim.

“O que foi agora?”

“Se não posso dormir na sua casa, preciso resolver o que vou almoçar! Mãããe!” E, com isso, correu para a cozinha.

“Pede pra ela fazer pra mim também!” gritei atrás dela.

Em sua ausência, finalmente consegui sentir o ventilador de novo. O panfleto flutuava inquieto no vento; peguei-o e dei mais uma olhada.

“…Ah, acho que prefiro mesmo o quarto dela.”

Sem multidões empurrando, sem mosquitos e, o melhor de tudo, sem precisar me preocupar com a Nagafuji sumindo de vista.